

## REGULARIDADE E IRREGULARIDADE NOS PARADIGMAS FLEXIONAIS <sup>1</sup>

MARIA LUÍSA A. F. DE ALMEIDA

O sistema verbal português apresenta actualmente, num número bem significativo de verbos, uma alternância do tipo: **fervo / ferves, mordo / mordes, sirvo / serves, tusso / tosses**, ou outros tipos de alternância, como: **caibo / cabes, tenho / tens, meço / medes, digo / dizes, vejo / vês**.

Como os exemplos mostram, a alternância pode dizer respeito ao timbre da vogal tónica ou à consoante final do radical. Quando respeita à vogal tónica, verifica-se que é fechada (/i/ ou /u/) ou semi-fechada (/e/ ou /o/) na primeira pessoa do presente do indicativo e nas formas rizotónicas do presente do conjuntivo (aquelas em que o acento recai no radical), e semi-aberta (/ɜ/ ou /#/), nas restantes formas rizotónicas do presente do indicativo (isto é, na segunda e na terceira do singular e na terceira do plural) e também na segunda do singular do imperativo.

Assim:

**firo;**  
**fira, firas, fira, firam;**

mas,

**feres, fere, ferem,**  
**fere.**

Se a alternância diz respeito à consoante final do radical, então a oposição dá-se entre a primeira pessoa do presente do indicativo e

---

<sup>1</sup> Texto da comunicação apresentada à *Jornada de Reflexão sobre a Língua Portuguesa*, organizada pelo Centro de Literatura e Cultura Portuguesa e Brasileira (CLCPB) da Universidade Católica Portuguesa e realizada em 3 de Maio de 2002, em Viseu.

todo o conjuntivo, por um lado, e, de um modo geral, o resto da flexão, por outro.

**valho e valha, valhas...**  
**vales, vale, valia, valerei, valesse...**

Neste estudo pretendo apresentar uma reflexão sobre particularidades da flexão verbal portuguesa que respeitam ao radical de grande parte dos verbos da segunda e da terceira conjugações e que se traduzem nas oposições que acabei de referir.

Concretamente pretendo mostrar que:

a) alternâncias do tipo: **movo / moves, sirvo / serves, durmo/dormes, caibo /cibes, digo /dizes, valho / vales, vejo / vês**, são fruto de um processo absolutamente regular;

b) muitas dessas alternâncias tiveram como causa a presença, no latim coloquial, de uma semivogal que, em grande parte dos casos, veio a afectar o timbre da vogal tónica, acabando por desaparecer; noutros casos, provocou a palatalização da vogal anterior; noutros ainda, foi atraída pela vogal da sílaba tónica.

Ver-se-ão também verbos cuja alternância actual resulta de qualquer outra evolução regular (por exemplo, a metafonia), e outros ainda em que o peso do papel da analogia se fez sentir, particularmente no timbre na vogal tónica.

c) E, como a língua nunca obtém um equilíbrio perfeito, veremos que há formas que se afastam daquilo que hoje é regularidade dentro do sistema verbal português.

Deixar-se-ão de parte outras alterações ou irregularidades que se encontram ao longo da flexão em verbos irregulares como *haver, ser, ir* ou *poder*, entre outros.

Também não serão referidas alternâncias de timbre da vogal devido à posição da sílaba tónica as quais marcam em muitos casos uma diferença entre o português europeu e o português do Brasil, como:

p/**3**/go, p/**3**/gas, p/**3**/ga, p/**3**/gam / p/**É**/gamos, p/**É**/gais;  
 m/**o**/vo, m/**#**/ves, m/**#**/ve, m/**#**/vem / m/**u**/vemos, m/**u**/veis.

As actuais flexões nominal e verbal caracterizam-se por determinadas oscilações, nomeadamente no que respeita ao timbre da vogal tónica, cuja origem se pode atribuir a dois fenómenos fonéticos: a **inflexão vocálica** e a **metafonia**.

Rosa Virgínia Mattos e Silva<sup>2</sup> distingue **inflexão vocálica** de **metafonia**. Segundo esta autora, ambos os fenómenos são de natureza assimilatória, mas enquanto o resultado da **inflexão vocálica** se traduz sempre no fechamento da vogal tónica (o que se compreende, já que sofre influência da semivogal, que é um fonema [+ fechado]), o resultado da **metafonia** pode traduzir-se na abertura ou no fechamento da vogal tónica, de acordo com a vogal átona final. É também essa a opinião de Clarinda de Azevedo Maia.<sup>3</sup> Assim, houve **inflexão vocálica** em:

(1) nâruium > n/3/rv/j/o > n/e/rvo,

mas houve **metafonia** em:

(2) îsta > /e/st/Ā/ > /3/st/Ā/ (a vogal /e/ abriu, passando a /3/, ficando assim mais próxima da altura da vogal átona final /Ā/).

îstûd > /e/st/o./ > /i/st/o./ (o /e/ inicial fechou ficando próximo da altura e do grau de abertura da vogal átona final, cuja realização era próxima de /u/)

Joseph-Maria Piel, por sua vez, considera *inflexão vocálica* o que as duas autoras consideram *metafonia* e *metafonia* o que para as mesmas significa *inflexão vocálica*.<sup>4</sup> Para outros autores, *inflexão vocálica* e *metafonia* são sinónimos<sup>5</sup>, sendo o termo *metafonia* muito

---

<sup>2</sup> Cf. SILVA, Rosa Mattos e (1991), 51-52, onde pode ler-se: «Um tipo muito generalizado de mudança fônica que atua entre as vogais é de natureza assimilatória. Tradicionalmente se distinguem as *assimilações metafônicas*, ou seja, a *metafonia* (a abertura da vogal acentuada não corresponde à regra geral porque se aproxima sua abertura à da vogal final) das *inflexões vocálicas*, quando há o fechamento do timbre da vogal acentuada condicionado pela contigüidade de determináveis (sic) elementos fônicos: semivogal, consoante palatal, nasal, como em *nervo* (lat. *nârviu*), *engenho* (lat. *ingâniu*).»

<sup>3</sup> Ao longo da sua *História do Galego-Português*, a autora usa “metafonia” com o significado que lhe atribui Rosa Mattos e Silva. (Cf. MAIA, Clarinda de A., 1986, pp. 415, 416 e 684, entre outras).

<sup>4</sup> PIEL, Joseph-Maria (1989), 221.

<sup>5</sup> Cf. “metafonia” em DUBOIS, Jean, et al. (1993), e também em XAVIER, Maria Francisca e MATEUS, Maria Helena (1990).

mais usado. Aqui, uso as expressões com o significado que lhe atribuem as duas autoras referidas em primeiro lugar.

Começaria por recordar alguns aspectos importantes da diacronia morfológica e fonético-fonológica do português. Lembraria que os verbos em latim se agrupavam em quatro conjugações, de acordo com a terminação do infinitivo da voz activa. Essas conjugações deram origem a três em português: os verbos latinos em *-are* constituem a primeira conjugação portuguesa; os verbos da segunda conjugação latina pertencem à segunda conjugação (em *-er*) e os da quarta conjugação (em *-ire*) pertencem à terceira conjugação (em *-ir*). À terceira conjugação pertenciam no latim verbos de tema em *-u-* e verbos de tema em consoante, todos eles apresentando no infinitivo um *â* antes de <r>. A maior parte dos verbos desta conjugação passaram, na língua corrente, a fazer parte da segunda conjugação. Outros passaram para a terceira (como *cingâre* > *cingir*). Alguns, em número pouco significativo, passaram para a primeira (*enxugâre* > *enxugar*).

Ora, nos verbos da segunda conjugação, a vogal temática *-e-* ocorria antes de outra vogal na primeira pessoa do singular do presente do indicativo (a desinência *-o*) e de todas as pessoas do presente do conjuntivo (a característica *-a-*), como, por exemplo: **habeo, teneo, deleo**, ou, no conjuntivo: **habeam, teneam, deleam**.

Na terceira conjugação havia os que apresentavam a desinência *-o* (de primeira pessoa do presente do indicativo) e a característica *-a* (de presente do conjuntivo) directamente ligadas à consoante final do radical (**dico, dicam; lego, legam**), mas havia outros que possuíam uma vogal de ligação *-i-* entre a consoante final do radical e a vogal da desinência ou da característica. Isso acontecia em verbos como **capio** ou **facio**.

Na quarta conjugação ocorria também a vogal *-i-* antes de outra vogal, como em **uenio**.

Assim, uma sequência de duas vogais na primeira pessoa do presente do indicativo e em todo o presente do conjuntivo ocorria, de um modo geral, no latim corrente, em verbos que eram, no latim literário, da segunda conjugação:

(3) *moueo, teneo, ualeo, uideo;*

ou da quarta:

(4) *audio; \*metio, por metior* ‘medir’, *uenio;*

e em grande parte dos verbos provenientes da terceira conjugação latina, quer a primeira vogal fosse originária:

(5) *capio, facio,*

quer tenha sido introduzida pelo facto de o verbo ter seguido o esquema de flexão dos verbos da segunda conjugação, como:

(6) *\*poneo*, em vez de *pono*; *\*perdeo*, em vez de *perdo*.

Não ocorriam duas vogais em hiato, nas mesmas pessoas, nos verbos que eram da primeira conjugação:

(7) *amo, narro, rogo,*

nem em alguns da terceira:

(8) *dico, lego, conduco*

Lembraria também alguns aspectos de natureza fonético-fonológica que se prendem com a evolução do sistema vocálico latino:

O latim clássico possuía dez vogais: cinco breves e abertas e cinco longas e fechadas. Possuía também três ditongos: /aw/ (<au>), /aj/ (<ae>) e /oj/ (<oe>). Entretanto deixou de ter valor distintivo o traço de *quantidade* e as vogais passaram a opor-se apenas pelo *timbre*. Ao que parece, as vogais abertas tenderam a abrir-se ainda mais e as vogais fechadas fecharam mais também. Por esse motivo, as vogais **ô** e **î** aproximaram-se resultando daí um /e/, assim como da aproximação entre **ó** e **û** resultou o fonema /o/, embora no português medieval houvesse diferentes realizações destes dois fonemas: o [e] proveniente de **î** era mais fechado do que o que provinha de **ô**; do mesmo modo, o [o] proveniente de e **û** era realizado como mais fechado do que o que provinha de **ó**.

Dos três ditongos, manteve-se apenas o primeiro; por sua vez /aj/ evoluiu para /ɜ/ e /oj/, para /e/ (ou, em mais raros casos para /o/ e depois para /u/).

Entre o latim clássico e o coloquial há a seguinte correspondência:

(9)

<b>Latim clássico:</b>	ī	ì	ô	â	à	ā	ò	ó	û	ö
			∨		∨			∨		
	au		∨	"						
			∨							
<b>L. coloquial:</b>	/aw/	/i/	/e/	/ɜ/	/a/	/#/	/o/	/u/		

Estas sete vogais constituíam o sistema vocálico tónico do latim coloquial e assim evoluíram para o português. Na verdade, é esse o sistema vocálico tónico português que se mantém pelo menos até ao século XVI, sendo por esse motivo que se diz que o sistema vocálico português é conservador. No entanto, houve dois fenómenos fonéticos que provocaram, em muitos casos, a alteração do timbre da vogal da sílaba tónica. São eles, como já disse, a **metafonia** e a **inflexão vocálica**.

Vem a propósito lembrar um caso curioso de alternância vocálica, motivada pelo fenómeno de **metafonia**. Ocorre na flexão nominal e diz respeito à oscilação /o/ no singular e /#/ no plural, em substantivos como *ovo - ovos*, *porco - porcos*, ou à oscilação entre /o/, em nomes do género masculino e /#/ nos nomes femininos correspondentes, como *porco - porca*, ou *grosso / grossa*.

É também a metafonia que justifica a irregularidade na sincronia actual entre plurais como *porcos : porco - porcos*, a par de *lobos: lobo - lobos*, onde a vogal semi-fechada se mantém. Considerem-se os seguintes pares:

(10) corvo / corvos; corpo / corpos; ovo / ovos; porco / porcos; posto / postos.

(11) lobo / lobos; lodo / lodos; roto / rotos; gordo / gordos; rosto / rostos.

No primeiro caso, todas as palavras possuíam um ò (breve e, portanto, aberto) no latim. A evolução normal foi a que se pode ver em:

(12) còruŭm > c/#/rv/o/ > c/o/rvo

O /o/ final, que, porque provinha de um **Ū**, era muito fechado (próximo de um /u/), provocou o fecho da vogal tónica. No plural, a forma portuguesa vem directamente do latim, sem qualquer evolução.

Nos exemplos (11) a evolução foi também regular, mas, porque a vogal tónica latina era **Ū** ou **Ó**, o resultado foi diferente, como mostra o exemplo:

(13) **lŪpŪm** > l/o/b/o/

A forma de singular é fonética. As transformações ocorreram ainda dentro do latim. O plural é também fonético:

(14) **lŪpós** > l/o/b/o/s

No plural o timbre das duas vogais não era muito diferente, pelo que se manteve.

Outra oscilação opõe o masculino ao feminino. Vejam-se os exemplos seguintes:

porco / porca; grosso / grossa; novo / nova; morto / morta;  
torto /torta.

A vogal tónica era aberta no masculino e no feminino; no masculino a vogal tónica situava-se a uma altura muito diferente da vogal final, por isso aquela vogal foi afectada pelo fenómeno de **metafonia**; no feminino as duas vogais estavam próximas no que toca à altura, pelo que não houve qualquer evolução.

É também a **metafonia** que ocorreu nas formas de masculino que justifica a alternância /e/ - /3/ em pares como:

cancelo / cancela; cadelo / cadela; portelo / portela.

Foi ainda um processo metafónico que provocou a alternância de timbre na vogal tónica nas formas de primeira e terceira pessoas do pretérito perfeito de alguns verbos, como

fiz / fez; pus / pôs, pude / pôde.

Ex.:

(15) **fŏcĭ** > f/e/z/i/ > fiz

O /i/ final, que era longo, não sofreu alteração no latim coloquial e também no português arcaico. Mais tarde veio a desaparecer, mas antes provocou o fecho da vogal tónica (de /e/ para /i/).

Na terceira pessoa o desenvolvimento foi diferente: o *i*, que era breve, passou para /e/; as vogais eram então semelhantes, pelo que não houve qualquer alteração no radical.

(16) *fōcīt* > f/e/z/e > fez.

Ora, no latim clássico ocorriam frequentemente, como se disse, vogais em hiato. Já vimos que isso acontecia, por exemplo, em formas verbais de primeira pessoa do presente do indicativo e de todo o presente do conjuntivo de muitos verbos. Nesses casos, na língua coloquial, a evolução normal foi o fechamento de uma das vogais, por via de regra, a mais fechada, que acabou por se transformar numa semivogal. O *Appendix Probi* regista formas como: *vinia*, *cavia*, *brattia*, *lancia*, *solia*. Efectivamente, pode aí ler-se:

(17) *vinea non vinia*  
*cavea non cavia*  
*brattea non brattia*  
*lancea non lancia*  
*solea non solia*  
*tinea non tinia*  
*balteus non baltius*

Paul Teyssier situa a existência da semivogal seguida de vogal ainda no latim imperial<sup>6</sup>; o grafema <i> parece, assim, representar, naquelas formas registadas no *Appendix Probi*, a semivogal /j/.

O desenvolvimento posterior de uma semivogal podia ser:

a) Atracção da semivogal pela vogal da sílaba tónica:

(18) *panatarium* > *panadar/j/o* > *paada/j/ro* > *padeiro*  
*hab/w/i* > *ha/w/bi* > *houve*

---

<sup>6</sup> TEYSSIER, Paul (1990), 10.



b) Palatalização da consoante anterior. Esse fenómeno foi muito frequente e ocorreu, por exemplo, nas seguintes formas:

(19) *filium* > *filio* > *fil/j/o* > *fi/Ý/o*  
*uineam* > *vinia* > *vin/j/a* > *vi/Ŷ/a*

c) Outras vezes a semivogal desapareceu depois de influenciar o timbre da vogal da sílaba tónica, que fecha. É o fenómeno que já antes denominámos de **inflexão vocálica**.

(20) *nâruium* > *n/3/rv/j/o* > *n/e/rvo*,

d) A semivogal podia ainda desaparecer sem deixar vestígios:

(21) *battuo* > *bat/w/o* > *bato*

O presente estudo tem como título ***Regularidade e irregularidade nos paradigmas flexionais***. Antes de mais, convém distinguir irregularidades aparentes, que são visíveis apenas ao nível da escrita, de outras irregularidades.

O motivo para a confusão que por vezes se estabelece está na tendência que há em se considerar a forma escrita sem se prestar atenção ao facto de que a escrita encobre frequentemente a realidade linguística. Não podemos esquecer que o alfabeto português dispõe de 23 grafemas (26, se incluirmos o **k**, o **w** e o **y**) e que com esses grafemas se representam 30 fonemas: 9 vogais, 2 semi-vogais e 19 consoantes. Para a representação das 9 vogais e das 2 semivogais a escrita possui apenas 5 grafemas.

Voltando aos verbos: é claro que ninguém duvidaria em considerar irregulares verbos como: *perder* (*perco* / *perdes*), *fugir* (*fujo* / *foges*), *subir* (*subo* / *sobes*).<sup>7</sup> Ora, devem considerar-se igualmente irregulares verbos como *beber* (*bebo* / *bebes*), *mover* (*movo* / *moves*). Por outro lado, são regulares os verbos: *dirigir* (*dirijo* / *diriges*), *extinguir* (*extingo* / *extingues*), *restringir* (*restrinjo* / *restringes*), *tanger* (*tanjo* / *tanges*), *vencer* (*venço* / *vences*),

A irregularidade do verbo *erguer* está na alternância vocálica: /e/ (*ergo*, *erga*) /3/ (*ergues*, *ergue*); a consoante /g/ mantém-se ao longo da flexão. Acontece, porém, que na escrita esse fonema é representado por <gu> antes de <e> ou <i> e por <g> nas outras posições.

<sup>7</sup> Note-se que o conceito de irregular aqui fundamenta-se apenas no facto de haver alteração no radical.

Como atrás referi, procurarei trazer para aqui uma reflexão somente a respeito das alternâncias presentes nos radicais dos verbos do português actual que opõem as formas de primeira pessoa do presente do indicativo e as de presente do conjuntivo à segunda e à terceira do singular e terceira do plural do presente do indicativo, e à segunda do singular do imperativo. Se as alternâncias dizem respeito à consoante final do radical, então elas opõem, na maior parte dos casos, como já referi, a primeira pessoa do presente do indicativo e todo o conjuntivo a todo o resto da flexão.

Por uma questão de comodidade, mostrarei apenas a alternância entre a primeira e a segunda pessoas do presente do indicativo.

Repare-se, entretanto, que, se a sílaba tónica contém a vogal /a/, a oscilação quanto ao timbre da vogal não se verifica, qualquer que seja a conjugação a que pertença o verbo, como mostram os exemplos:

#### Primeira conjugação

(23)	LADRAR:	ladro	ladras
	LAVAR:	lavo	lavas
	NADAR:	nado	nadas
	PAGAR:	pago	pagas

#### Segunda conjugação

(24)	ABATER:	abato	abates
	APRAZER:	aprazo	aprazes
	ARDER:	ardo	ardes
	FAZER:	faço	fazes

#### Terceira conjugação

(25)	INVADIR:	invado	invades
	PARTIR:	parto	partes
	REABRIR:	reabro	reabres
	REPARTIR:	reparto	repartes

Também não ocorre alternância do timbre da vogal tónica nos verbos da primeira conjugação, qualquer que seja a vogal. Os exemplos são elucidativos:

Verbos da 1ª. conjugação com a vogal tónica /3/

(26)	ANEXAR:	anexo	anexas
	APELAR:	apelo	apelas
	CEGAR:	cego	cegas
	COMEÇAR:	começo	começas
	COMPLETAR:	completo	completas
	CONGELAR:	congelado	congelas
	EMPREGAR:	emprego	empregas
	ERRAR:	erro	erras
	INTEGRAR:	íntegro	íntegras
	INVEJAR:	invejo	invejas
	LEVAR:	levo	levas
	MEDRAR:	medro	medras
	PEGAR:	pego	pegas
	PESAR:	peso	pesas
	PESCAR:	pesco	pestras
	PREZAR:	prezo	prezas
	QUEBRAR:	quebro	quebras
	SECAR:	seco	secar
	SOLETRAR:	soletro	solestras
	TREPAR:	trepo	trepas
	VELAR:	velo	velas
	VERGAR:	vergo	vergas

Verbos da 1ª. conjugação com a vogal tónica /i/

(27)	ALISAR:	aliso	aliskas
	DESIGNAR:	designo	designas
	EMBIRRAR:	embirro	embirras
	EMIGRAR:	emigro	emigras
	LIDAR:	lido	lidas
	LIGAR:	ligo	ligas
	LIXAR:	lixo	lixas
	PRIMAR:	primo	primas

Verbos da 1ª. conjugação com a vogal tónica /#/#/

(28)	ALMOÇAR:	almoço	almoças
	ATOLAR:	atolo	atolas
	CORTAR:	corto	cortas
	DOBRAR:	dobro	dobras
	ENFORCAR:	enforco	enforcas
	FORÇAR:	forço	forças

FORMAR:	formo	formas
JOGAR:	jogo	jogas
LOGRAR:	logro	logras
MORAR:	moro	moras
PODAR:	podo	podas
PROVAR:	provo	provas
ROLAR:	rolo	rolas
SOMAR:	somo	somas
TORNAR:	torno	tornas
TORRAR:	torro	torras

Verbos da 1ª. conjugação com a vogal tónica /u/

(29) ABUSAR:	abuso	abusas
ANULAR:	anulo	anulas
CONJUGAR:	conjugo	conjugas
CRUZAR:	cruzo	cruzas
CULPAR:	culpo	culpas
CUNHAR:	cunho	cunhas
EDUCAR:	educó	educas
EMPURRAR:	empurro	empurras
ENCURTAR:	encurto	encurtas
ENTUBAR:	entubo	entubas
FURAR:	furo	furas
FURTAR:	furto	furtas
LUTAR:	luto	lutas
MUDAR:	mudo	mudas
MURAR:	muro	muradas
OCUPAR:	ocupo	ocupas
PUXAR:	puxo	puxas
SUJAR:	sujo	sujas
TURVAR:	turvo	turvas

**a) Alternâncias que dizem respeito à consoante final do radical**

Há verbos que apresentam consoante diferente no final do radical. Na segunda pessoa, a consoante é a que ocorre no infinitivo e, de um modo geral, no resto da flexão. A consoante diferente que aparece na primeira pessoa do presente do indicativo é, na maior parte dos casos, consequência de uma evolução que tem na origem a existência de uma semivogal, resultado da evolução de uma vogal seguida de outra vogal. Estão neste caso verbos como:

(30)

FAZER: **facio** > fa/**tj**/o > fa/**ts**/o > fa/s/o: **faço**  
 facis > fa/**z**/es: **fazes**

PEDIR: \***petio** > pe/**tj**/o > pe/**ts**/o > pe/s/o: **peço**  
 petis > pe/**d**/es: **pedes**

MEDIR: \***metio** > me/**tj**/o > me/**ts**/o > me/s/o: **meço**  
 metis > me/**d**/es: **medes**

VALER: **ualeo** > va/**lj**/o > va/**ŷ**/o: **valho**  
 uales > va/**l**/es: **vales**

Na primeira pessoa a semivogal provocou a palatalização da consoante anterior, palatalização que nos três primeiros verbos se perdeu, dando origem ao fonema /ts/ e depois /s/; na segunda pessoa, a consoante evoluiu com a normalidade esperada. Uma ressalva é feita relativamente à consoante **-l-**, que se esperaria ter sincopado entre vogais, mas que se manteve ao longo da flexão, tal como acontece no infinitivo.

Em outros verbos havia também uma semivogal na primeira pessoa, que teve um desenvolvimento próximo do dos verbos anteriores, enquanto na segunda pessoa se deu a síncope de uma consoante intervocálica e mais tarde uma contracção.

(31)

PÔR: \***poneo** > po/**nj**/o > po/**ŷ**/o: **ponho**  
 \***pones** > **pões** > p/**õj**1/: **pões**

TER: **teneo** > te/**nj**/o > te/**ŷ**/o: **tenho**  
 tenes > **tées** > t/**ãj**1/: **tens**

VIR: **uenio** > ve/**nj**/o > ve/**ŷ**/o: **venho**  
 uenis > \***venes** > **vées** > v/**ãj**1/: **vens**

VER: **uideo** > ve/**d**/o > ve/**l**/o: **vejo**  
 uides > **vees** > v/e1/: **vês**

Nas formas de primeira pessoa a semivogal provocou a palatalização da consoante anterior; na segunda, após a síncope da consoante intervocálica, ficaram duas vogais em hiato. A evolução posterior dependeu do timbre das vogais. Em **põ-es**, porque o timbre das vogais era muito diferente, a vogal **e** transformou-se na semivogal /j/, resultando, em seguida, o ditongo /õj/; nas formas **tées** e **vées**, como as vogais eram semelhantes, a nasalidade da primeira vogal estendeu-se à vogal seguinte e deu-se uma crase. A vogal nasal resultante evoluiu depois para ditongo nasal. No verbo *ver* ocorreu

igualmente uma contracção entre as duas vogais, que eram também semelhantes.

A alternância no que toca à consoante final do radical em alguns verbos pode ser motivada pela vogal que se lhe segue. Isso verifica-se, por exemplo com:

(32)  
 DIZER: dico > di/g/o: digo          dicis > di/z/es: dizes  
 TRAZER: \*traco > tra/g/o: trago      tracis > tra/z/es: trazes

Entre vogais, antes de /a/, /o/, ou /u/, o /k/ sonorizava, isto é, evoluía para /g/, enquanto, antes de /e/ ou /i/, passava a /dz/ e depois a /z/. Daí, a alternância /g/ - /z/.

#### b) Alternância entre ditongo e vogal

Outros verbos alternam a presença de uma semivogal anti-hiática no final do radical com a ausência da mesma:

(33)  
 CRER: credo > creo > cre/j/o: creio      credis > crees > crês  
 LER: lego > leo > le/j/o: leio          legis: > lees > lê

Trata-se de verbos em que uma consoante sofreu uma síncope tanto na primeira pessoa como na segunda, mas, nesta, as duas vogais em contacto eram semelhantes, vindo a sofrer uma crase, enquanto na primeira pessoa, porque as vogais eram de timbre diferente (sendo a segunda **o** na primeira pessoa do presente do indicativo, e **a** no presente do conjuntivo), foi introduzida entre elas uma semivogal.<sup>8</sup>

Há ainda alguns verbos que apresentam alternância entre ditongo e vogal na sílaba tónica, devido à atracção, pela vogal tónica, de uma semivogal que existia na sílaba final:

(34)  
 CABER: capio > cab/j/o > ca/j/bo: caibo      capis > cabes  
 SABER: sapiam > sab/j/a > sa/j/ba: saiba (a forma *sei* de primeira pessoa do presente do indicativo deve ter sido influenciada por *hei*)

<sup>8</sup> Note-se que nos verbos da primeira conjugação não existe essa oposição. Veja-se *ceio* / *ceias*, *odeio* / *odeias*, *receio* / *receias*; e também *contrario* / *contrarias*, *crio* / *crias*.

ABRIR: \*aprio > abr/j/o > a/j/bro (forma popular)

Note-se que do português actual fazem parte verbos que numa fase antiga apresentavam essa alternância, tendo a semivogal acabado por desaparecer. Esse fenómeno ocorreu em: *firo* < *feiro*, *morro* < *moiro* e *quero* < *queiro*, por exemplo.

Como se viu, os verbos (30) a (34) são irregulares no que toca ao radical; no entanto, a irregularidade que afecta, na sincronia actual, a primeira pessoa do singular do presente do indicativo e todo o presente do conjuntivo é fruto de uma absoluta regularidade do ponto de vista diacrónico.

### c) Alternância devido ao timbre da vogal tónica

Mas o sistema verbal português caracteriza-se sobretudo pela existência de uma alternância de timbre da vogal tónica, nos verbos da segunda e da terceira conjugações, que opõe as formas várias vezes referidas e que se traduz, como já antes disse, nas alternâncias:

/e/ - /3/ ou /o/ - /#/ na segunda conjugação e

/i/ - /3/ ou /u/ - /#/ na terceira,

isto é, a oscilação traduz-se numa diferença de um grau de abertura nos verbos da segunda conjugação e em dois graus nos verbos da terceira conjugação:

- (35) **morro / morres, fervo / ferves;**  
**firo / feres, durmo / dormes.**

Essa oscilação ocorre apenas entre vogais da mesma série, isto é, entre vogais anteriores ou entre vogais posteriores (entre /e/ - /3/ e /i/ - /3/ ou /o/ - /#/ e /u/ - /#/). É o que tentarei mostrar com os exemplos seguintes:

#### Verbos da segunda conjugação com alternância /e/ - /3/

- |      |           |                     |            |
|------|-----------|---------------------|------------|
| (36) | EXERCER:  | ex/e/rço < exârceo  | ex/3/rces  |
|      | FERVER:   | f/e/rvo < fâruéo    | f/3/rves   |
| (37) | CONCEDER: | conc/e/do < concâdo | conc/3/des |
|      | TECER:    | t/e/ço < tâxo       | t/3/ces    |
|      | VERTER:   | v/e/rto < uârto     | v/3/rtes   |
| (38) | ACEDER:   | ac/e/do < accôdo    | ac/3/des   |
|      | ADOECER:  | ado/e/ço < adolôsco | ado/3/ces  |

	APARECER:	apar/e/ço < apparōsco	apar/3/ces
	AQUECER:	aqu/e/ço < a + calōsco	aqu/3/ces
	CEDER:	c/e/do < cōdo	c/3/des
	ERGUER:	/e/rgo < ḡrigo	/3/rgues
(39)	DEVER:	d/e/vo < dōbeo	d/3/ves
(40)	BEBER:	b/e/bo < bībo	b/3/bes
	COMETER:	com/e/to < commītto	com/3/tes
	METER:	m/e/to < mītto	m/3/tes
(41)	CONCEBER:	conc/e/bo < concīpio	conc/3/bes
	RECEBER:	rec/e/bo < recīpio	rec/3/bes
(42)	ADOECER:	adorm/e/ço < addormīsco	adorm/3/ces
	ESCREVER:	escr/e/vo < scribo	escr/3/ves

As formas anotadas em (36) são etimológicas. Na primeira pessoa, havia duas vogais em hiato; a primeira fechou, evoluiu para uma semivogal e acabou por desaparecer, tendo, no entanto, deixado marca no timbre da vogal tónica, que fechou. Na segunda pessoa, a vogal não sofreu qualquer alteração.

Do grupo (37), as formas de segunda pessoa vêm directamente do latim; as de primeira pessoa devem ter sido afectadas pelo fenómeno de metafonia: o /o/ final provocou o fecho da vogal tónica que passou de /3/ a /e/. O conjuntivo é analógico, isto é, parte do radical da primeira pessoa do presente do indicativo.

Em (38), a primeira pessoa é fonética; a segunda sofreu influência analógica da generalidade dos verbos da segunda e terceira conjugações. As formas fonéticas seriam: *ac/e/des*, *ado/e/ces*.

São igualmente analógicas as formas de segunda pessoa de (39) a (42).

As formas de primeira pessoa dos grupos (38) a (41) mantêm a vogal [e] que se situava numa altura próxima da vogal final.

A vogal do infinitivo /e/ e, ao fim e ao cabo, a generalização que se produziu na flexão justificam a abertura da vogal da primeira pessoa dos verbos (42), que evoluiu de [i] para [e].

#### **Verbos da segunda conjugação com alternância /o/ - /#/**

(43)	COMOVER:	com/o/vo < commōueo	com/#/ves
	COZER:	c/o/zo < cōquo	c/#/zes
	MORDER:	m/o/rdo < mōrdeo	m/#/rdes



	MOVER:	m/o/vo < m $\grave{o}$ ueo	m/#/ves
	SORVER:	s/o/rvo < s $\acute{o}$ rbeo	s/#/rves
	TORCER:	t/o/rço < *t $\acute{o}$ rceo	t/#/rces
(44)	MORRER:	m/o/rro < *m $\acute{o}$ rio	m/#/rres
(45)	VOLVER:	v/o/lvo < u $\acute{o}$ luo	v/#/lves
(46)	COSER:	c/o/so < c $\acute{o}$ nsuo	c/#/ses
(47)	ACORRER:	ac/o/rro < acc $\acute{u}$ rro	ac/#/rres
	CONCORRER:	conc/o/rro < conc $\acute{u}$ rro	conc/#/rres
	CORRER:	c/o/rro < c $\acute{u}$ rro	c/#/rres

Nestes verbos são fonéticas todas as formas de (43). A vogal tónica era aberta no latim: na primeira pessoa, a semivogal provocou o seu fechamento, dando-se uma inflexão vocálica. Na segunda pessoa, a vogal mantém-se aberta.

Do verbo *morrer* ocorria no português medieval a forma de primeira pessoa **moiro**. Tinha havido atracção da semivogal pela vogal tónica. A actual forma **morro** sofreu influência analógica do infinitivo e do resto da flexão.

Resultam também de um processo regular as formas de primeira pessoa de (46) e (47) e a forma de segunda pessoa **voves**.

Em **volvo** pode aceitar-se que houve metafonia.

As formas de segunda pessoas de (46) e (47) são analógicas.

#### Verbos da terceira conjugação com alternância /i/ - /3/

(48)	ADERIR:	ad/i/ro < adhaereo	ad/3/res
	SEGUIR:	s/i/go <sup>9</sup> < *s $\hat{a}$ quio <sup>10</sup>	s/3/gues
	SERVIR:	s/i/rvo < s $\hat{a}$ ruio	s/3/rves
	VESTIR:	v/i/sto < u $\hat{a}$ stio	v/3/stes
(49)	FERIR:	f/i/ro < f $\hat{a}$ rio	f/3/res
(50)	ADVERTIR:	adv/i/rto < adv $\hat{a}$ rto	adv/3/rtes
	AFERIR:	af/i/ro < aff $\hat{a}$ ro	af/3/res
	CONFERIR:	conf/i/ro < conf $\hat{a}$ ro	conf/3/res
	DIGERIR:	dig/i/ro < dig $\hat{a}$ ro	dig/3/res
	EMERGIR:	em/i/rjo < em $\hat{a}$ rjo	em/3/rjes

<sup>9</sup> HUBER, Joseph (1986), 58.

<sup>10</sup> NETO, Serafim da Silva (1992), 245.

GERIR:	g/i/ro < gâro	g/3/res
INSERIR:	ins/i/ro < insâro	ins/3/res
PREFERIR:	pref/i/ro < praefâro	pref/3/res
(51) FRIGIR:	fr/i/jo < frïgo	fr/3/ges

A única forma analógica é **freges**. Todas as formas de (48) possuíam na sílaba tónica um **â** (a primeira possuía o ditongo **ae** que evoluía naturalmente para /3/). Na primeira pessoa de (48) é provável que tenha ocorrido primeiro o fechamento para [e], por inflexão vocálica, isto é, por influência da semivogal, e só depois, por metafonia, um segundo fechamento, para [i].<sup>11</sup> Nesse caso, o conjuntivo seria analógico, já que aí não havia motivo para ocorrer metafonia. (A haver influência da vogal átona final, o resultado seria a abertura e não o fecho da vogal tónica.)

A primeira pessoa do presente do indicativo do verbo *ferir* era, no português medieval, **feiro** (como **moiro**), tendo evoluído mais tarde para **firo**, naturalmente por analogia, por exemplo, com **sâruio**, donde derivou **sirvo**.<sup>12</sup>

As formas de primeira pessoa dos verbos do grupo (50) podem ter evoluído por metafonia e por influência do [i] do infinitivo, ou ainda por influência do [i] das duas primeiras pessoas do plural, onde o [i] é tónico. As formas de conjuntivo são analógicas da primeira pessoa do presente do indicativo.

Em **frïgo** a vogal tónica manteve-se.

#### Verbos da terceira conjugação com alternância /u/ - /#/

(52) COBRIR:	c/u/bro < còòperio	c/#/bres
DORMIR:	d/u/rmo < dòrmio	d/#/rmes

<sup>11</sup> É essa a opinião de Edwin Williams, segundo o qual, e cito: «No português arcaico não havia presumivelmente modificação na primeira pessoa do singular dos verbos da segunda conjugação portuguesa, enquanto o *e<sub>c</sub>* se fechava para *e*. pela ação do iode na primeira pessoa do singular dos verbos da terceira conjugação portuguesa. Pelo menos, *servo* é a grafia que substitui primeiro a forma mais antiga *servio*, encontrada nos cancioneros primitivos. Na transição para a forma moderna sob a ação da metafonia, *se rvo* se tornou *sirvo* e *ve<sub>c</sub>rto* se tornou *ve rto*. Dêsse modo, a vogal da primeira pessoa singular dos verbos da segunda conjugação portuguesa se fechou de um grau pela ação da metafonia, enquanto a vogal da primeira pessoa do singular da terceira conjugação portuguesa se fechou dois graus pela acção sucessiva do iode e da metafonia.» (WILLIAMS, Edwin (1986), 213).

<sup>12</sup> No “Livro dos Bens de D. João de Portel” aparece a forma **seruã**. (ALMEIDA, M. Luísa (2001), Tomo II, 582).

(53)	ACUDIR:	ac/ <b>u</b> /do < rec <b>û</b> tio	ac/ <b>#</b> /des
	BULIR:	b/ <b>u</b> /lo < b <b>û</b> llio <sup>13</sup>	b/ <b>#</b> /les
	CUSPIR:	c/ <b>u</b> /spo < c <b>ô</b> nspuo	c/ <b>#</b> /spes
	FUGIR:	f/ <b>u</b> /jo < f <b>û</b> gio	f/ <b>#</b> /ges
	SUBIR:	s/ <b>u</b> /bo < s <b>ô</b> beo	s/ <b>#</b> /bes
	TOSSIR:	t/ <b>u</b> /sso < t <b>ô</b> ssio	t/ <b>#</b> /sses
(54)	EXPLODIR:	expl/ <b>u</b> /do < expl <b>ô</b> do	expl/ <b>#</b> /des
(55)	SUMIR:	s/ <b>u</b> /mo < s <b>ô</b> mo	s/ <b>#</b> /mes

Os verbos (52) apresentam a oscilação regular: a vogal era aberta; na primeira pessoa, por inflexão vocálica, teve um primeiro fechamento, resultando [o]; depois, por metafonia, ou por influência do [i] do infinitivo, ou ainda por influência do [i] tónico da primeira e da segunda pessoas do plural, fechou ainda mais. O conjuntivo é analógico. As formas de segunda pessoa são as esperadas.

Nos verbos do grupo (53) o alteamento da vogal, inicialmente [o], na primeira pessoa, deu-se quer fosse por inflexão vocálica, quer por metafonia.

**Expludo** pode ter sido afectada por metafonia.

**Sumo** é a forma etimológica.

As segundas pessoas de (53), (54) e (55) sofreram influência analógica da flexão.

Do que analisámos, pode dizer-se que nos verbos da segunda conjugação,

", â, ô, î, ï, ou seja, as vogais anteriores, evoluíram para /e/ - /3/,  
ò, ó, û, ö, isto é, as vogais posteriores, evoluíram para /o/ - /#/;

nos da terceira conjugação,

", â, ô, î, ï, as vogais anteriores, evoluíram para /i/ - /3/;  
ò, ó, û, ö, as vogais posteriores, evoluíram para /u/ - /#/.

#### **d) O poder da analogia**

Fazem ainda parte do sistema morfológico português verbos cujas formas de primeira pessoa do singular do presente do indicativo e todas as de presente do conjuntivo são irregulares no que toca à

<sup>13</sup> A vogal /i/ deve ter caído antes de se transformar em semivogal, pois, de outro modo, certamente se teria provocado a palatalização do /l/.

diacronia, tendo sofrido influência analógica, resultando daí o restabelecimento do equilíbrio da flexão na sincronia actual. Estão neste casos verbos como:

(56)

ARDER: ardeo > ar/dj/o > ar/ts/o > ar/s/o: arço > **ardo**  
ardes > ardes

CINGIR: cingo > cin/[/o: cinjo (esperar-se-ia cin/g/o)  
cingis > cin/[/es: cinges

CONDUZIR: condōco > condu/z/o: conduzo (e não *condu/g/o*)  
conducis > condu/z/es: conduzes

COZER: \*coquo > coco > co/z/o: cozo (e não *co/g/o*)  
\*coquis > coces > co/z/es: cozes

VENCER: uinco > ven/s/o > venço (e não *ven/k/o*)  
uincis > ven/s/es > vences

É particularmente interessante a forma **arço**, do verbo **arder**, largamente documentada em textos medievais, que foi substituída por **ardo**, forma que apresenta a consoante **d** que ocorre em toda a flexão.

Nos verbos (56), é o infinitivo e, de um modo geral, toda a flexão que influencia a primeira pessoa do presente do indicativo e todo o conjuntivo. Já com o verbo **erguer** se passa o contrário: é a primeira pessoa do presente do indicativo e o presente do conjuntivo que influenciam toda a flexão, inclusive, o infinitivo:

(57) ERGUER: ôrigo > er/g/o: ergo  
ôrígis > er/g/es: ergues (e não *er/[/es*)

A primeira pessoa teve um desenvolvimento absolutamente normal; a segunda deveria ter evoluído para *er/[/es*, como **cingis** evoluiu para *cin/[/es*.

Não funcionou, porém, a lei da analogia nos verbos *dizer* e *trazer*. Se tivesse funcionado, teríamos hoje formas como *dizo* e *trazo*, ou, no conjuntivo: *diza*, *dizas*, etc, e *traza*, *trazas*...

Chamo a atenção para os verbos seguintes:

(58)

OUVIR: audio > au/dj/o > ou/ts/o > ou/s/o: **ouço**  
audis > ouves

PEDIR: \*pětio > pe/tj/o > pe/ts/o > pe/s/o: **peço**  
petis > pedes

MEDIR: \*môtio > me/tj/o > me/ts/o > me/s/o: **meço**  
 \*metis > medes  
 ARDER: ardeo > ar/ts/o: **arço** > ar/d/o: **ardo**  
 ardes > ardes  
 MENTIR: mentio > men/tj/o > men/ts/o > men/s/o: **menço** >  
**mento** > **minto**  
 mentis > mentes  
 SENTIR: sentio > sen/tj/o > sen/ts/o > sen/s/o: **senço** > **sento** >  
**sinto**  
 sentis > sentes  
 PERDER: \*përdeo > per/dj/o > per/ts/o > per/s/o: **perço** > **perco**  
 perdes > perdes

Como se vê, **ouço**, **peço** e **meço** conservam até hoje a forma que apresentavam no português medieval; de **arço** para **ardo**, de **menço** para **mento** e de **senço** para **sento**, fez-se sentir o papel da analogia, resultando uma regularização do paradigma; na evolução final, que originou as formas **minto** e **sinto** pesou o que é hoje regular na flexão verbal. A alteração de **perço** para **perco** é difícil de explicar.

Um caso curioso da segunda conjugação é o verbo VIVER que, seguindo o esquema geral, deveria apresentar a alternância:

\*v/e/vo - \*v/3/ves

É certo que neste verbo o **i** era longo, mas o mesmo se verificava em **adormeço** < adormisco e em **escrevo** < scribo.

Como vimos, a língua está longe de apresentar um equilíbrio perfeito. Há, por exemplo, um número razoável de verbos da terceira conjugação, sobretudo os de formação erudita, que não apresentam a oscilação no timbre da vogal. Estão nesse caso, entre outros, os verbos seguintes:

(59) **Com a vogal tónica /i/**

COLIDIR:	colido	colides
DEFINIR:	defino	defines
DEMITIR:	demito	demites
DIRIGIR:	dirijo	diriges
ELIDIR:	elido	elides
EMITIR:	emito	emites
IMPRIMIR:	imprimo	imprimes

PREVINIR:	previno	prevines
PRIMIR:	primo	primes
REDIMIR:	redimo	redimes

(60) **Com a vogal tónica /u/**

ALUDIR:	aludo	aludes
CONDUZIR:	conduzo	conduzes
DEDUZIR:	deduzo	deduzes
ILUDIR:	iludo	iludes
INCUTIR:	incuto	incutes
NUTRIR:	nutro	nutres
RESUMIR:	resumo	resumes
RUGIR:	rujo	rugés
SUPRIR:	supro	supres
SURGIR:	surjo	surges

De qualquer modo, J. M. Piel lembra que a alternância se verifica também em “verbos eruditos, de introdução mais ou menos moderna, como *competir*, *repetir*, *compelir*, *repelir*, *aderir*, *reflectir*, *discernir*, *deferir*, *convergir*, etc.”<sup>14</sup>

Termino, deixando em aberto uma questão que se prende com a falta de equilíbrio da língua e que se traduz nas variedades sincrónicas, neste caso diatópicas. É curioso verificar que em certas regiões de Trás-os-Montes<sup>15</sup> o timbre da vogal tónica é sempre /3/ nos seguintes verbos:

(61)	ELEGER:	el/3/jo < elígo	el/3/ges
	MEXER:	m/3/xo < mîsceo	m/3/xes

<sup>14</sup> Segundo este autor, os verbos que não apresentam alternância são considerados excepções e para esses casos dá a seguinte justificação: “Cremos que tais «excepções» se devem principalmente à preocupação de evitar formas que evoquem outros verbos, de manter, p. ex., distintas as formas de *pulir* das de *pular*, as de *surtir* das de *sortir*, e as de *cortir* das de *cortar*. É também de ponderar que uma 2ª. pessoa que soasse *\*divedes* poderia facilmente dar a impressão de pertencer a um composto de *vedar*, e que uma conjugação *previno*, *\*prevenes* levaria fatalmente a *\*prevens*, e com isto à perda do carácter culto do verbo *prevenir*. O povo, nalguns casos, procura integrar verbos daquela categoria no esquema que lhe é familiar, dizendo, p. ex. *entupo*, *entopes*; *curto*, *cortes*.” (Idem, *ibidem*, 223).

<sup>15</sup> Por exemplo, em Soutelinho do Mesio, minha aldeia natal. Aí as pessoas realizam com a vogal central semi-fechada as formas de primeira pessoa do plural do presente do indicativo e do pretérito perfeito do indicativo dos verbos da primeira conjugação, não havendo distinção entre ambas.

TEMER: t/3/mo < tímeo          t/3/mes

E nas mesmas regiões, os falantes articulam “c/#/mo”, “c/#/mes”, embora mantenham as alternâncias normais, como: “m/o/rro”, “m/#/rres”. Será influência de alguns verbos da primeira conjugação, como “s/#/mo” ou “t/#/mo”? É uma hipótese. E é igualmente provável que formas como “inv/3/jo”, “l/3/vó”, “p/3/so” ou “r/3/mo” tenham influenciado a realização /3/ nos três verbos agrupados em (61).

### Referências bibliográficas

- ALMEIDA, M. Luísa, *Livro do Registo das Cartas dos Bens e Heranças que D. João de Portel teve nestes Reinos: edição, estudo linguístico e glossário*. Tomo I: Estudo do manuscrito e texto, Tomo II: Estudo linguístico e glossário, Tomo III: Apêndice. Dissertação de doutoramento apresentada à Faculdade de Letras da Universidade Católica Portuguesa, em Viseu, em 2001.
- DUBOIS, Jean, et al (1993), *Dicionário de Linguística*, (trad. de Frederico Pessoa de Barros et al.), S. Paulo, Editora Cultrix:
- HUBER, Joseph (1986), *Gramática do português antigo*, (tradução de M. Manuela Gouveia Delille), Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian.
- MAIA, Clarinda de A. (1986), *História do Galego-Português. Estado linguístico da Galiza e do Noroeste de Portugal desde o século XIII ao século XVI (com referência à situação do galego moderno)*. Coimbra, INIC.
- MATEUS, M. H. Mira; BRITO, A.M.; DUARTE, I. S.; FARIA, I. H. (1989), *Gramática da Língua Portuguesa*, 2ª. edição revista e aumentada, Lisboa, Caminho.
- NETO, Serafim da Silva (1992), *História da Língua Portuguesa*, Sexta Edição, Rio de Janeiro, Presença Edições.
- PIEL, Joseph-Maria (1989), “A flexão verbal do português. (Estudo de morfologia histórica)”, in. *Estudos de linguística histórica galego-portuguesa*, Lisboa, Imprensa Nacional – Casa da Moeda.
- SILVA, Rosa M. e (1991), *O português arcaico: Fonologia*. S. Paulo/Baía, Contexto.
- TEYSSIER, Paul (1990), *História da Língua Portuguesa*, 4ª. edição portuguesa, (Tradução de Celso Cunha). Lisboa, Sá da Costa Editora.
- XAVIER, Maria Francisca e MATEUS, Maria Helena (1990), *Dicionário de Termos Linguísticos*, Associação Portuguesa de Linguística, Vol. I, Lisboa, Edições Cosmos.
- WILLIAMS, Edwin (1986), *Do latim ao português: fonologia e morfologia históricas da língua portuguesa* (trad. de Antônio Houaiss), 4ª. edição, Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro.